

### **ENTRE CONTOS E ENCANTOS...**

Um estudo sobre a contribuição dos contos infantis e da criação imaginária para o desenvolvimento da linguagem

**Ilsa do Carmo Vieira Goulart<sup>1</sup>**

#### Resumo

Este artigo pretende ressaltar as principais etapas do processo de desenvolvimento da linguagem a partir das proposições de Vygotsky (1998, 1999a, 1999b, 2003, 2009). Com o propósito de identificar a relação entre a linguagem egocêntrica e o jogo simbólico, destaca o papel do imaginário no desenvolvimento infantil. Considerando uma criança desprovida de estruturas internas que a capacitem a expressar seus sentimentos, de forma coerente para ser compreendida, as narrativas dos contos de fadas, segundo os estudos de Bettelheim (1980), exploram, em seu enredo, situações conflituosas numa linguagem que é compreensível à criança. O texto parte do pressuposto de que as narrativas podem oferecer referências de comportamentos, em relação à identificação com personagens e sua incorporação, à vivência de problemas e sua exteriorização. Através do uso da linguagem egocêntrica e da criação imaginária, intermediado pelos contos de fadas, seria possível proporcionar-lhe um sentimento de segurança para a resolução de conflitos interiores?

Palavras-chave: Linguagem egocêntrica. Criação imaginária. Histórias infantis.

### **BETWEEN STORIES AND ENCHANTMENTS...**

A study on the contribution of histories and the imaginary creation for the development of the language

#### Abstract

This article intends to stand out the main stages of the process of development language from the proposals of Vygotsky (1998, 1999a, 1999b, 2003, 2009). With the intention to identify the relation between the egocentric language and the symbolic game detach the paper of the fancy in this child development. Considering a child unprovided of internal structures that enable it to express its feelings of coherent form to be understood, the narratives of stories of fairies, according to studies of Bettelheim (1980), explore in its plot conflictive situations, a language that is understandable for the child. The text has left of estimated of that the narratives can offer to references of behaviors it, in relation to the identification with personages and its incorporation, to the experience of problems and its externalize. Through the use of the egocentric language and the imaginary creation, brokered by fairy tales, it would be possible to provide a feeling to it of security for the interior conflict resolution?

Keywords: Egocentric language. Imaginary. Infants histories.

---

<sup>1</sup> Mestranda da FE-Unicamp, membro participante do Grupo de Pesquisa ALLE, orientanda da Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira.

*Mestra de estilo, feiticeira da arte narrativa,  
era aquela negra velha que nos contava histórias em pequeninos.  
Ficávamos literalmente no ar, nem respirávamos quando ela,  
encompridando a corda, dizia arrastadamente esta longa frase,  
cheia de nada e de tudo:  
– E vai daí o príncipe pegou e disse...  
Mário Quintana (2006)*

As narrativas de contos exercem um fascínio sobre seus leitores. Um deslumbre que, quer seja pela forma estilística do texto explorado no enredo, na trama, nos conflitos; quer seja pela efetuação de uma determinada prática de leitura, é capaz de causar sensações, emoções e reações no leitor ouvinte ou no articulador da ação leitora.

Possuidora de enunciados repletos *de nada e de tudo*, a narrativa esteve sempre presente na história das civilizações. Uma linguagem entremeada de contos e de encantos que se misturam num jogo, numa vicissitude, numa proximidade entre a realidade e o mundo imaginário.

Como a narrativa de contos, nesse processo de interação com o mundo que os cerca, adquire sentidos? O que possibilita ao homem esta proximidade com os textos de contos infantis como um conhecimento social e histórico?

O homem, por se constituir socialmente, por construir seu conhecimento entrelaçando suas experiências com outras pessoas, utiliza-se da linguagem como veículo propulsor dessa rede de relações sociais e culturais. A comunicação vem como um meio auxiliador do processo de interação: atua como mediadora entre os homens, como intercâmbio e constituição social, visto que “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam.” (Vygotsky, 1998, p.115).

No desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e psicossocial da criança, o processo de interação social se torna uma fonte importante de estímulos para a estruturação de suas ações, o qual se procede principalmente através da linguagem. A linguagem possibilita uma aproximação e uma experiência com o mundo que a cerca. A quantidade de modelos decorrentes dessa relação, favorecerá a construção de sua ação presente e poderá ser a base para a realização de sua ação futura.

A criança, desde o seu nascimento, está envolvida por uma linguagem característica de uma determinada comunidade e pelos seus diferentes enunciados, constituídos por gêneros textuais que lhe são próprios, isto é, a concepção linguística da criança provém de grupos de falantes, de gestos e expressões orais/verbais/gestuais que, a princípio, são o principal meio de estímulo e de formação de sua linguagem.

Como nos declara Bakhtin (2003, p.283) “aprender a falar significa aprender a construir enunciados”; o que nos remete à percepção de que a fala não se constitui, apenas, de uma evocação de vocábulos isolados, nem mesmo uma disposição a partir de palavras/frases/orações soltas, independentes de um contexto. Os enunciados chegam a nossa experiência e a nossa consciência num conjunto, estreitamente vinculadas a uma totalidade repleta de sentidos.

A linguagem torna-se o mecanismo pelo qual a criança utiliza para se expressar, para apregoar suas ideias, vontades, emoções, desejos, necessidades, medos, curiosidades. A partir de uma série de situações que envolve o percurso da vida, é possível considerar que “a língua é deduzida da necessidade do homem de auto-expressar-se, de objetivar-se. A essência da

linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho reduz à criação espiritual do indivíduo.” (Bakhtin, 2003, p.270).

A cada circunstância, a cada experiência vivida, vista ou ouvida a criança vai se inserindo à comunidade de falantes a qual pertence e, a partir dessa interação sociolinguística, poderá construir suas estruturas internas da fala.

Embora conviva num meio social marcado por avanços tecnológicos que visam a comunicabilidade e que propiciam sua agilidade e expansão, isso não garantirá uma reciprocidade na compreensão do enunciado. A criança, assim como o adulto, pode deparar-se com obstáculos na comunicação. Muitas vezes, os estímulos externos não lhe favorecerem nem lhe proporcionam condições de aconchego na fala e no diálogo, como uma forma de expressar sentimentos ou como uma forma de interação social. Tais obstáculos tornam-se evidentes no momento em que a criança se vê desprovida de recursos interiores para compreender emoções diversas; expressar seus sentimentos para o outro e superar possíveis conflitos através do uso da linguagem.

De que maneira, então, as histórias, como instrumento da linguagem, podem contribuir no processo de organização do pensamento e no processo de interação social?

Embasadas nas perspectivas Vygotskyana (1998, 1999a, 1999b, 2003, 2009) sobre o desenvolvimento do pensamento, da linguagem e do imaginário, alicerçadas pela teoria de Bettelheim (1980) sobre a importância dos contos de fadas para a criança, as observações e reflexões deste artigo, trazem elementos plausíveis, utilizando da análise dos contos infantis e da criação imaginária, apontando suas possíveis contribuições no processo de formação da linguagem.

### **A Linguagem Egocêntrica e o Jogo Simbólico**

Diferentes autores se empenharam na compreensão de como se procede a concepção da linguagem e sua relação com o pensamento. De acordo com os estudos de Piaget (1999a, 2009), desenvolvidos no início do século XX, a criança por volta de 3 a 7 anos de idade, percorre uma fase egocêntrica no seu desenvolvimento, cuja principal característica consiste numa centralização em si mesma, um momento em que pensa, fala e age de acordo com o seu ponto de vista. Ela não é capaz de viver a empatia, de se colocar no lugar de outrem, nem mesmo de compreender o pensamento do outro, porque vê, sente e pensa as coisas à sua maneira.

Algo importante, na fase egocêntrica, é o momento da criação de uma realidade, através do uso da *Linguagem Mágica*<sup>2</sup>, que consiste numa ação acompanhada e direcionada pela palavra. A criança fala o tempo todo enquanto age; ela não se contenta em apenas pegar um lápis, por exemplo, durante sua atitude também diz: “eu vou até lá, eu vou pegar o meu lápis”. Logo, sua ação se reforça pela fala. A criança fala sem ter a percepção lógica do que está falando e, quanto maior os desafios encontrados durante o proceder de uma brincadeira, atividade, circunstância, maior a intensidade de palavras na sua comunicação.

Quando a ação da criança está envolvida pela fala, ela utiliza-se do *jogo simbólico* – momento em que cria ou recria a realidade à sua maneira. Ela vivencia inteiramente sua fantasia,

---

<sup>2</sup> Cf. PIAGET, Jean, (1999a). *A Linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes.

tem necessidade de um simbolismo mais direto, que lhe permita reviver o acontecimento, em lugar de se contentar com uma evocação mental.

Para o autor, há certo parentesco entre o *egocentrismo verbal* e o *jogo simbólico*, pois, em ambos, o sujeito “exterioriza sob a forma de conversa com o grupo social, real ou fictício, aquilo que nos limitamos a contar para nós mesmos.” (Piaget, 1999a, p.74). Mas há uma diferença na estrutura das suas funções: tanto na *fala egocêntrica* quanto no *jogo simbólico*, o egocentrismo faz com que o indivíduo não se diferencie de maneira consistente do mundo exterior, mas com que se use deste para projetar sua subjetividade, seu inconsciente.

O desenvolvimento mental da criança constitui-se de formas sucessivas de equilíbrio. No mundo externo ou interno, ocorrem transformações que desestruturam a ação do indivíduo. A atividade humana consiste na busca do seu equilíbrio que se procede em diferentes estágios.

A Epistemologia Genética de Piaget (1999a, 2009) mostra que o desenvolvimento cognitivo é uma equilibrção progressiva; e o da linguagem é um processo evolutivo direcionado para a superação da fala egocêntrica, rumo a uma linguagem socializada, que possibilita a interação e a compreensão do outro através do diálogo.

Os estudos de Vygotsky (1998, 1999a, 1999b) sobre a relação entre o pensamento e linguagem, mostram que o desenvolvimento cognitivo ocorre em espiral, passando por um mesmo ponto a cada revolução. Denomina de *internalização*, a reconstrução interna de uma operação externa que consiste numa série de transformações que vai de um processo interpessoal para um processo intrapessoal.

Na relação entre o pensamento e a linguagem, a língua surge mediante a necessidade de comunicação com o outro, num processo de interação social. Desta maneira, a fala mais primitiva da criança já é uma forma de socialização, compreendendo toda sua manifestação com sons, gestos, balbucios, choro e outros. A relação entre o indivíduo e o mundo se procede pela mediação da palavra, do discurso. Vygotsky (2009).

O uso do signo é uma produção histórica do desenvolvimento da atividade mental que, quando internalizado, provoca mudanças no comportamento do homem; assim, “a criança à medida que se torna mais experiente adquire um número cada vez maior de modelos que ela compreende. Esses modelos representam um esquema cumulativo refinado de todas as ações similares ao mesmo tempo em que constituem um plano preliminar para vários tipos possíveis de ação a se realizarem no futuro.” (Vygotsky, 1998, p.29).

Todas as experiências vivenciadas pela criança ficam retidas em seu inconsciente, acumuladas e constituindo modelos, que auxiliarão na criação imaginária e na construção da linguagem. O acúmulo de amostras de experiências será (re)organizado, (re)elaborado, (re)criado à medida que haja necessidade de novas interações com a realidade que a envolve.

Vygotsky (1998), ao concluir que a fala e o pensamento têm raízes diferentes no desenvolvimento humano, descreveu este processo como um segmento de linhas paralelas. Constatou que isto não está presente nos antropóides superiores e conduziu seus estudos ao comportamento de crianças pequenas; identificou, então, uma fase pré-linguística, no que diz respeito ao uso do pensamento, e uma fase pré-intelectual quanto ao uso da fala.

A criança até os dois anos de idade, aproximadamente, segundo o autor, apresenta um momento em seu desenvolvimento, em que sua ação é direcionada pela fala e, ao fazer o uso da linguagem oralizada, ela estaria automaticamente processando seu pensamento.

Antes mesmo de se beneficiar da fala, a criança utiliza a *inteligência prática*, a qual parte do princípio de que a experiência social desempenha seu papel através do processo de imitação, como o uso de instrumentos e a manipulação de objetos. A ação do adulto é cumulativa e oferece-lhe modelos dando-lhe a capacidade de agir no meio e resolver problemas práticos. Nesse estágio, a linguagem e o pensamento seguem linhas de desenvolvimento diferentes. É a partir da frequência da interação social e dos estímulos, que a criança será capaz de utilizar a linguagem na forma de comunicação e de pensamento, fluindo a fala intelectual e o pensamento verbal.

A forma como a fala é utilizada na interação social com adultos e com crianças mais velhas, adquire uma função importante na organização do pensamento. A linguagem constitui-se uma atividade efetiva na formação intelectual quando “a criança começa a perceber o mundo não somente através dos olhos, mas também da fala (...) a fala como tal torna-se parte essencial do desenvolvimento cognitivo da criança.” (Vygotsky, 1998, p.43).

O pensamento e a linguagem são considerados processos distintos e interdependentes, numa relação dinâmica e dialética, mas em determinados momentos, encontram-se e provocam mudanças no desenvolvimento cognitivo. Quando a fala e a atividade prática se cruzam, marcam um momento significativo no curso do desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Vygotsky (1999a, p.20) utiliza-se da concepção piagetiana com relação à fala egocêntrica, caracterizando/definindo esse estágio como *linguagem intelectual*: “a fala egocêntrica não permanece por muito tempo como um mero acompanhamento da atividade da criança. Além de ser um meio de expressão e de libertação da tensão, torna-se logo um instrumento do pensamento – no sentido próprio do termo – a busca e o planejamento da solução do problema.”

A expressão verbal, para a criança, torna-se tão importante quanto sua própria atuação na realização de uma atividade ou na obtenção de algo. Quanto maior for a utilização e a fluência da fala, ao agir, mais perto de solucionar um problema ela estará. A linguagem egocêntrica é o caminho percorrido, pela criança, para se chegar à fala interior, é um estágio transitório para se conquistar a interiorização da linguagem.

O processo de interiorização progressiva das orientações, advindas do meio social, é um processo ativo no qual a criança se apropria do social, de uma forma particular. Ao interiorizar instruções a criança modifica suas funções psicológicas, tais como: percepção, atenção, memória e capacidade para solucionar problemas.

Há uma relação intrínseca entre a fala e a ação como processo dinâmico no desenvolvimento cognitivo; a criança fala enquanto age, e, para ela, é quase que impossível executar uma atividade sem conduzi-la pelo falar. Essa ação concretiza-se pelo ato de brincar.

### **O imaginário como ação (re)criadora**

Na brincadeira, a criança encontra um meio importantíssimo que a possibilita explorar o mundo social que a cerca; brincando, ela é capaz de vivenciar inúmeras situações adultas de sua cultura, utilizando-se da criação imaginária, do *faz-de-conta*.

No brinquedo, a criança projeta-se nas atividades adultas de sua cultura e ensaia seus futuros papéis e valores. Assim o brinquedo antecipa o desenvolvimento, com ele a criança começa a adquirir a motivação, as habilidades e as atitudes necessárias para sua participação social, a qual só pode ser completamente atingida com assistência de seus companheiros da mesma idade e mais velhos. (Vygotsky, 1999a, p.137)

Quando a criança faz o uso da *função simbólica*, ou melhor, da criação imaginária, ela antecipa o desenvolvimento até que a linguagem se torne intelectual, garantindo-lhe a comunicação e a generalização.

A atividade criadora geralmente é interpretada como uma ação inusitada, como produção de algo original, pela apresentação de alguma novidade. Contrária a esta visão, a criação imaginária é definida, por Vygotsky (2003), como uma reprodução de algo já assimilado anteriormente, como uma (re)elaboração em maior ou em menor precisão diante do que já existe.

A imaginação efetua-se mediante a duas estruturas internas: a reprodução e a combinação. Todas as experiências vivenciadas pelo sujeito são captadas pelo cérebro e retidas pela memória, por meio do processo de reprodução. Ao recuperá-las, pela lembrança, são recriadas, fazendo-se novas associações através de combinações.

A atividade humana não se limita a apenas reproduzir o que viu, experimentou ou vivenciou; ela utiliza-se de um processo interno de combinação para (re)criar, para (re)elaborar a experiência passada em uma nova atitude, posição ou planejamento, e é isto que dá ao homem a capacidade de ajustar-se, de integrar-se, de forma singular, no mundo social.

Segundo Vygotsky (2003), a melhor maneira de compreender a atividade criadora é considerar a relação existente entre a fantasia e a realidade. Tal interação ocorre mediante a quatro aspectos: a primeira consiste em que toda a elucubração se compõe de elementos extraídos de experiências anteriores. Ao se observar uma obra literária, percebe-se que há elementos reais: pessoas, objetos, lugares, relações humanas. A fantasia não é mais do que a combinação de elementos tomados da realidade, que são modificados e reelaborados em nossa imaginação.

A vivência de circunstâncias significativas possibilita experiências<sup>3</sup>, as quais são acopladas e acumuladas, internamente, sendo-lhe uma referência de modelos. Com o passar do tempo, quanto maior a coleção de amostras de ações, melhor será o processo mental de reprodução, de combinação e de atividades criativas do indivíduo.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a capacidade criadora ou imaginativa de uma criança é menor que a de um adulto, devido à quantidade de modelos de ações vistas e vivenciadas. O tempo menor de vida de uma criança concede-lhe, portanto, um número insuficiente de experiências (re)tidas e (re)constituídas, um fator que não interfere na intensa proximidade da criança com fantasia.

Torna-se interessante apontar para a necessidade de se ampliar as experiências significativas da criança em atividades, outras, num âmbito escolar e não-escolar, a fim de proporcionar-lhe uma base mais sólida em sua criação imaginária.

---

<sup>3</sup> Cf. BENJAMIN, W, (1994). *Magia e técnica: ensaios sobre literatura e a história da cultura*. Obras escolhidas vol. I. São Paulo: Brasiliense, p. 114.

A segunda forma de vinculação da fantasia com a realidade está na combinação das experiências acumuladas. De certa forma este aspecto subordina-se ao primeiro, por necessitar de uma vasta quantidade de modelos internalizados para construir novos elementos imaginários.

A imaginação passa a assumir um papel distinto no comportamento humano, pois o que decorre é uma dependência entre fantasia e realidade. A imaginação se escora na experiência que se ancora na criação imaginária; há uma interligação funcional.

A terceira forma de interação entre a função imaginária e a realidade acontece pelo enlace emocional. Toda manifestação externa, física retrata uma impressão interna de pensamentos, imagens e sentimentos. Diferentes obras artísticas penetram na interioridade e parecem “suscitar em nós emoções extraordinariamente fortes, emoções essas que, ao mesmo tempo, não se manifestam em nada.” (Vygotsky, 1999b, p.266).

A fantasia possui a artimanha de combinar determinados elementos da realidade de forma que respondam a um estado interior do indivíduo, proporcionando-lhe uma proximidade por meio de um signo emocional comum. A fantasia causa um envolvimento emocional pela reciprocidade de sentimentos.

A quarta forma descrita pelo autor compreende a materialização da criação imaginária, imagem *crystalizada*, convertida em objeto concreto. Tal atividade passa por um circuito no seu desenvolvimento; sua composição decorre de elementos extraídos da realidade. As diferentes experiências passam por um processo de (re)elaboração em seu pensamento, causam e sofrem influências afetivas, para, então, assumirem uma forma material, capaz de modificar esta mesma realidade.

Pode-se dizer que o ato criador acontecerá mediante a realização de um percurso completo: “sucede que precisamente cuando nos encontramos ante um círculo completo trazado por la imaginación, ambos, factores, El intelectual y El emocional, resultan por igual necesarios para El acto criador. Sentimiento y pensamiento mueven La creación humana.” (Vygotsky, 2003, p.25).

### **As histórias infantis e a busca do significado**

Segundo Bettelheim (1980), a interação do homem com o meio social e cultural em que está inserido, acontece, também, como uma busca de satisfação e de significados, decorrente da maior e mais difícil tarefa do ser humano: a de encontrar significado em sua vida. Quando não ocorre o encontro de tal acepção, perde-se o desejo de viver. Conseguir encontrá-lo será uma constante, marcada pelo esforço pessoal de vencer as barreiras de uma vida voltada para si mesmo.

Nessa perspectiva, ter um controle das emoções interiores pode ser uma proposição relevante para se enfrentar as dificuldades provenientes das relações interpessoais. Para a criança, o processo de domínio emocional e de interação social é um tanto complexo, visto que, quanto menor a idade, menor, também, a quantidade significativa de experiências capazes de constituir para ela modelos interiores, possibilitando-lhe a utilização dos processos de combinação e de reprodução.

Partindo da proposição que o significado da vida se constitui a partir de uma superação de si mesmo, de uma descentralização, é possível à criança dominar e expressar, de forma coerente, seus sentimentos se, tanto a criança quanto o adulto precisam, primeiro, compreender seus conflitos internos para que possa expressá-los, utilizando-se da linguagem?

Para Bettelheim (1980, p.12), uma maneira de compreensão dos sentimentos pode acontecer por intermédio de uma obra literária, isso porque “quando as crianças são novas, é a literatura quem canaliza melhor este tipo de informação.” As narrativas possuem uma linguagem própria no seu enredo que a criança é capaz de compreender, apropria-se, inconscientemente, das situações de conflito, drama, aventura e medo que as personagens retratam.

As narrativas dos contos de fadas são constituídas a partir de uma junção entre elementos reais e irrealis, fator que estimula a criação imaginária, auxilia no desenvolvimento intelectual, evidencia emoções, harmoniza ansiedades. Como, ainda, possibilitam o reconhecimento de dificuldades interiores, sugerem soluções para seus problemas e ajudam na expressão oral e fazem o uso conciso de sua linguagem. Isso sugere que o contexto narrativo, em questão, estabeleça uma articulação direta com as representações de infância trazidas pelos estudos psicológicos.

Ao ouvir ou ler uma história, a criança identifica elementos estruturais, presentes no texto, vinculados aos fatores emocionais. Essa proximidade tanto pode facilitar a compreensão de conflitos interiores quanto oferecer soluções precisas de que esteja necessitando, no momento, para colocar em ordem suas emoções, (re)estruturá-las e (re)organizar suas ações.

A característica principal das narrativas de contos é a colocação de um dilema existencial de forma breve e categórica, um problema comum, mas de difícil resolução. Por exemplo, a morte de um dos pais, como é descrito em *Branca de Neve* ou em *Cinderela*; os textos apresentam situações nas quais a criança reconhece o drama existente – a ausência de uma pessoa significativa, a formação e a convivência familiar, as dificuldades de relacionamento entre pais e filhos/entre irmãos – podendo ou não se identificar com as personagens ou com as circunstâncias dramáticas.

Nas histórias de fadas, aparecerem figuras do bem e do mal, devido à propensão do ser humano a essa dualidade. Depararmos-nos com a bondade e com a maldade em nós mesmos e nas pessoas, que são/estão próximas, torna-se um fato inevitável.

A criança percebe, através do contexto narrativo, que há uma luta para se resolver, geralmente, um problema moral; percebe que há grandes diferenças entre as pessoas; que se pode fazer escolhas sobre quem deseja ser; e também que, ali, pode-se encontrar soluções para seus problemas; ela compreende “que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as pressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, no fim, emergirá vitoriosa.” (Bettelheim, 1980, p.14).

Diante de uma situação conflituosa, a criança pode apresentar uma necessidade de compreender sentimentos e emoções como, também, mostrar-se um ser em busca de ideias, de formas de condutas para sanar seus problemas; “a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida.” (Bettlheim, 1980, p.16).



Durante a leitura de um conto a criança fantasia, o que permite à narrativa apresentar, muitas vezes, sob a forma simbólica, o significado de toda “a batalha”, de todo o empenho para se conseguir uma auto-realização, podendo oferecer à criança uma compreensão de que vida também se compõe de/com dificuldades, conflitos, decepções, medos e perigos, cuja proposta é uma superação e não uma supressão dos desafios; a vitória se destina à persistência, à coragem e à luta.

A criança ao recorrer à criação imaginária, à representação vivencia diferentes personagens de um conto e envolve-se pela linguagem contida no enredo da narrativa. Ao dizer: “eu sou chapeuzinho vermelho”, retoma as falas da personagem e as expressões utilizadas no contexto do diálogo (re)elaborando-as, (re)criando-as internamente para depois expressá-las verbalmente.

Direcionada por um pensamento animista, a criança acredita que os animais, plantas ou objetos podem conversar e ouvir o que está se falando, ela está convencida de que eles sentem e entendem as coisas como ela. Incapaz de uma abstração e de uma compreensão racional do que se passa a sua volta, pedir a uma criança que dê explicação do que se está sentindo, ou que compreenda as justificativas de um acontecimento, pode ser inútil muitas vezes. Nesse momento característico de sua idade, ela está envolvida pelo pensamento egocêntrico, ela pensa de acordo com seu ponto de vista, da maneira como vê a situação.

A criança pode escutar/ler a mesma história várias vezes sem se esgotar dela. A cada leitura, ela se identificará com um personagem ou uma situação diferente na narrativa, o que dependerá do momento que esteja vivenciando; isso porque o contexto narrativo dos contos, “procedendo da mesma forma que a mente infantil, ajudam à criança mostrando-lhe como uma clareza superior pode emergir de toda fantasia.” (Bettelheim, 1980, p.77).

Se as pressões internas da criança predominam, o que pode ocorrer com frequência, um caminho possível será a *externalização* através da criação imaginária, da fantasia e da linguagem egocêntrica.

No desenvolver da narrativa, a imaginação, a emoção e o intelecto se juntam e dão suporte na construção e expressividade da linguagem infantil por meio do imaginário, devido ao valor e significado que a história possui para a criança.

### **Palavras finais**

A criança, ao passar pela fase egocêntrica na sua linguagem, utiliza-se tanto da fala para orientar sua ação quanto da criação imaginária e da fantasia como meio de expressão, de apreensão do mundo que a cerca. Nesse período do desenvolvimento, a narrativa dos contos oferece à criança imagens de situações tomadas do mundo real de forma que se lhe torna compreensível. Apesar de, na fase egocêntrica, a criança usar de forma vantajada a comunicação verbal, nem sempre possui uma estrutura interna capaz de favorecer-lhe o entendimento e a expressividade de seus sentimentos e conflitos, intermediados pela linguagem.

Por oferecer em seu enredo diferentes dramas e conflitos de ordem afetiva e, mesmo, possíveis soluções para os devaneios, a criança, ao ouvir ou ler um conto, vivencia situações, identifica-se com personagens e *exterioriza*, através da fantasia e da linguagem, aquilo que é incapaz de expressar de forma consciente.

As histórias transmitem, ainda, uma mensagem ao inconsciente que a criança pode abstrair: imprevistos vão existir, mas que ela é capaz de superar, desde que lute contra “as forças do mal”, ou seja, enfrente as dificuldades sem medo e conseguirá sair vitoriosa. Por exemplo, no conto *O Gato de Botas*, quando o bichano, pela sua esperteza e agilidade com as palavras, vence as dificuldades ocasionadas pela pobreza, conquista para o seu dono terras, um reino e uma princesa. O foco da conquista, da vitória destaca-se não pela força do herói, mas por sua intelectualidade.

Quando a criança é capaz de *externalizar* seu conflito interno e resolvê-lo, há um sentimento de confiança em si mesma, que será de extrema importância para que ela venha, no futuro, resolver seus problemas da vida através de suas próprias habilidades racionais, não necessitando mais da fantasia.

A probabilidade de que ocorram falhas de *externalização* na infância é inevitável, o que poderá dificultar ao indivíduo a confiança interna que o impulsionará na resolução de seus problemas. É possível que tal desajuste gere a necessidade de evadir-se da realidade através de outros recursos, buscando a fuga em sonhos sob diferentes *experiências mágicas*.

Há uma diferença entre os contos de fadas e qualquer outra forma de literatura infantil. Os contos direcionam a criança à descoberta de sua identidade, além de auxiliar sua comunicação e ajudar na formação de seu caráter, também oferecem à criança um material riquíssimo em imagens que falam, diretamente, ao seu inconsciente, através das quais ela pode chegar à compreensão do seu íntimo.

Darnton (1986), ao estudar a história cultural francesa através dos contos populares, antes das versões adaptadas por Perrault<sup>4</sup>, revela que os contos populares apresentam duas proposições: uma, ao retratarem as sensações, os gostos, os desejos da sociedade camponesa do século XVII, retratam, ainda, uma realidade e uma necessidade inteiramente humana, os contos apresentam o mundo que cerca tal sociedade, suas dificuldades e perigos; a outra refere-se à oferta de estratégias para enfrentar tais desafios.<sup>5</sup>

A narrativa de contos de fadas, na perspectiva de Darnton (1986), aparece como um instrumento de intervenção social. Apresenta a vantagem de apresentar a realidade social de uma determinada época e local e de proporcionar uma solução para que o receptor/ouvinte possa agir sobre ela, modificá-la, alcançando a superação de suas dificuldades emocionais e de seus conflitos interiores. Tais características possibilitariam ao leitor um envolvimento físico/afetivo pelas histórias infantis.

Se os contos de fadas exercem, no leitor, um fascínio e um encanto, isso se deve, antes, por sua beleza artística. Os textos são, primeiramente, obras literárias passíveis a uma apreciação estética, a história de um “conto de fadas não poderia ter seu impacto psicológico sobre a criança se não fosse antes de tudo uma obra de arte.” (Bettelheim, 1980, p.20)

Por serem obras de arte, os contos recebem diferentes interpretações de cada leitor. O significado do texto será característico e único para diferentes pessoas ou para o mesmo

---

<sup>4</sup> O escritor francês do séc. XVII, Charles Perrault foi o primeiro a adaptar os contos populares para a literatura, em 1697 publica a obra *Histórias ou contos do tempo passado com moralidades*, também chamado de "Contos da Velha" e "Contos da Cegonha", ficando, afinal, conhecido como "Contos da mamãe gansa".

<sup>5</sup> Cf. DARNTON, R. *O grande massacre dos gatos* e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

indivíduo, em momentos distintos da vida. Dependerá da narrativa, da prática de leitura efetuada e da necessidade interior que esteja vivenciando ao ler as histórias infantis. Uma necessidade que oscilará da múltipla variedade presente entre contos e encantos...

### Referências

- BAKHTIN, M., (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BETTELHEIM, Bruno, (1980). *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- DARNTON, R., (1986). *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal.
- PIAGET, Jean, (1999a). *A Linguagem e o pensamento da criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_, (2009). *Seis estudos de psicologia*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_; INHELDER, Bärbel, (1999b). *A Psicologia da criança*. 16ª ed. Bertrand Brasil.
- VYGOTSKY, L., S., (1998). *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_, (1999a). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_, (1999b). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_, (2003). *La imaginación y el arte em la infancia*. Madrid: Ediciones Akal.
- \_\_\_\_\_, (2009). *A construção do pensamento e da linguagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

### Obra analisada

- [s/autor], (1994). *Um Tesouro dos Contos de Fadas*. Oxford: Transedition Limited.